



## **EDUCAÇÃO DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉS: a proteção ambiental e as colaborações ecológicas dos terreiros de candomblés de Salvador-BA para uma educação afroperspectivista**

Denis Harmony da Silva <sup>1</sup>

### **Resumo**

Este ensaio propõe observar o meio ambiente a partir da complexidade e interdependência do ser humano com a natureza, analisando e discutindo a formação-educação e as ações de preservação ecológica realizadas pelos terreiros de candomblés para proteção e conservação dos ambientes naturais para preservação e manutenção do sagrado. Desse modo, buscar-se-á, promover um olhar afroperspectivo da resistência, da reexistência e da ancestralidade afro-religiosa a partir da educação transmitida dentro dos terreiros de candomblés de Salvador-BA. Dentro deste olhar, para entender e dialogar sobre a educação ambiental e ecológica presente dentro dos terreiros de candomblés, é necessário trazer o olhar enquanto percepção e imaginação do mundo, de forma singular e simbolicamente como uma galinha d'angola que tem “a arte de ciscar, espalhar e deslocar conceitos” (NOGUERA, 2011, p.11).

**Palavras-chaves:** Meio ambiente. Proteção ambiental. Candomblés. Educação. Afroperspectiva.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN/UNEB). Especialista em Ensino de Filosofia para o ensino médio (UFBA/2018). Formado em História com habilitação em licenciatura (UCSal/2016) e graduando em Geografia, com habilitação em licenciatura, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Agradeço ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). <http://lattes.cnpq.br/8153168308982088> - E-mail: [denisharmony@hotmail.com](mailto:denisharmony@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

“O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo” – Manoel de Barros<sup>2</sup>.

Ao pensar em/no meio ambiente, fatalmente, o sujeito-histórico-social, da/na contemporaneidade, irá projetar consciente ou inconscientemente seu olhar para o que se conhece e reconhece enquanto natureza-natural ou natureza-verde, como florestas, fauna, mares, rios, etc. Esse meio ambiente verde e natural é também conhecido enquanto tradicional. Uma vez que a sociedade moderno-contemporânea dissociou a relação ou o hibridismo de interdependência entre homem e natureza, já que o ser humano é parte da natureza e deveria se sentir enquanto parte integrante, ou seja, como elemento natural, tal como os povos indígenas e os demais povos tradicionais (NASCIMENTO, 2010).

Por outro lado, se o meio ambiente for pensado apenas no recorte espacial criado e recriado na contemporaneidade, inevitavelmente esses espaços/ambientes/lugares estarão associados aos múltiplos processos de desvalorização, desrespeito e poluições ambientais e ecológicas, pois, ao projetar o novo, o moderno e o “desenvolvido” na sociedade moderno-contemporânea, é preciso desnaturalizar a própria natureza, pois, dentro dessa perspectiva, o natural é selvagem e é, até certo ponto, descartável. Assim, como bom exemplo, é possível citar o caso das obras da construção de uma Estação Elevatória de Esgoto (EEE), realizada pela Empresa Baiana de Águas e Saneamento - EMBASA, na Lagoa do Abaeté, localizada no bairro de Itapuã, na cidade de São Salvador, no Estado Bahia, no ano de 2020, em meio à pandemia do novo coronavírus, mesmo sendo uma área de proteção ambiental.

Desse modo, é preciso reconhecer que há uma complexidade frente às interfaces do meio ambiente, pois, ao inclinar o olhar mais profundo e crítico à respeito dessa fragmentação (homem x natureza) acentuada pela sociedade moderno-contemporânea, vai se perceber uma humanidade do consumo desenfreado, atualmente, calcado pela revolução tecnológica em detrimento ao espaço ambiental e ecológico, e por um irracionalismo dito intelectual, desenvolvimentista rumo ao dito “progresso”, que vem destruindo não apenas o ambiente mais próximo, mas, sobretudo, o Planeta Terra. Por outro lado, a sociedade moderna da contemporaneidade e do consumo cria e recria possibilidades para “participar” – direta ou indiretamente – do desenvolvimento tecnológico e dos benefícios do mundo globalizado, sem

---

mensurar os danos provocados por este “progresso”.

2 Poeta brasileiro Manoel Wenceslau Leite de Barros (1916-2014). Para ler o poema completo, ver: BARROS, Manoel de. As lições de R.Q. In: **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 75.

Partindo deste olhar crítico-reflexivo, este ensaio propõe observar o meio ambiente a partir da complexidade e da relação de interdependência entre o ser humano e a natureza, analisando e discutindo a formação-educação e as ações de preservação ecológica dos terreiros de candomblés para proteção e conservação do ambiente natural, por consciência formativa e, concomitantemente, pela necessidade da preservação e manutenção do sagrado, uma vez que a ancestralidade se materializa na natureza. Assim, o candomblé atua na contramão do “desenvolvimento” que desnaturaliza a natureza em detrimento do dito “progresso” moderno-contemporâneo. Dentro dessa perspectiva, é possível construir um olhar afroperspectivo da resistência, da reexistência e da ancestralidade afro-religiosa transmitidos nos terreiros de candomblés.

## 2 DA SOCIEDADE DE CONSUMO À EDUCAÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL

Autores, como Zygmunt Bauman (2001/2005), reconhecem a sociedade moderno-contemporânea e globalizada enquanto sociedade do/de consumo com toda sua efemeridade e fragilidade do ato de consumir. Bauman<sup>3</sup> sempre salientou que o problema não estava em consumir, mas no desejo insaciável de continuar consumindo, ou seja, ter pelo simples prazer de ter. Neste sentido, as autoras Valquíria Padilha e Renata Cristina Bonifácio (2013) reconhecem, no artigo *Obsolescência planejada: armadilha silenciosa na sociedade de consumo*, que:

(...) É comum um telefone celular ir ao lixo com menos de oito meses de uso ou uma impressora nova durar apenas um ano. Em 2005, mais de 100 milhões de telefones celulares foram descartados nos Estados Unidos. Uma CPU de computador, que nos anos 1990 durava até sete anos, hoje dura dois anos. Telefones celulares, computadores, aparelhos de televisão, câmeras fotográficas caem em desuso e são descartados com uma velocidade assustadora. Bem-vindo ao mundo da obsolescência planejada! Na sociedade de consumo, as estratégias publicitárias e a obsolescência planejada mantêm os consumidores presos em uma espécie de armadilha silenciosa, num modelo de crescimento econômico pautado na aceleração do ciclo de acumulação do capital (produção-consumo-mais produção) (PADILHA; BONIFÁCIO, 2013, p. 36).

Essa sociedade de/do consumo, onde as identidades flutuam no ar e a modernidade é líquida (BAUMAN, 2001/2005), transformou o ambiente natural em “matéria-prima”, em espaço de descartes, ou, simplesmente, em campo de reserva. O natural foi naturalizado, e até

---

3 Zygmunt Bauman (nascido em 19 de novembro de 1925 e falecido em 09 de janeiro de 2017, aos 91 anos) foi filósofo, sociólogo, professor e escritor polonês. Suas obras dialogam com estudos em sociologia, filosofia e psicologia. Sendo considerado como um dos maiores intelectuais do século XXI. Além de obter reconhecimento mundial com seus estudos a respeito das interações humanas na Modernidade tardia (ou simplesmente, na Pós-Modernidade).

certo ponto coisificado, se tornando propriedade humana. Por outro lado, o homem deveria se sentir parte integrante da natureza, como afirma Maria Rosemi Araújo do Nascimento (2010).

Neste sentido o homem deve se sentir parte integrante, como elemento da natureza, tal como os povos indígenas, pois para eles, afirma Gray (1995), citado por Freitas (2001, p. 43), “existe uma indissociabilidade entre as pessoas e a natureza, com as suas configurações sociais condicionando e sendo condicionada pelo meio ambiente”.

Tal premissa significa a relação de interdependência entre homem e natureza (NASCIMENTO, 2010, p. 22).

Sendo assim,

(...) o desenvolvimento sustentável para a preservação do meio socioambiental, não tem outra base que não seja educação, ciência e tecnologia, pois é por meio desta sustentação que a sociedade intervém em questões sociais, econômicas e culturais (NASCIMENTO, 2010, p. 23).

Ora, pensar uma educação sustentável é atrelar ensino, ciência e tecnologia, mas sem perder de vista as questões sociais e culturais, além da realidade econômica dos atores envolvidos. Assim, o meio ambiente deve ser compreendido enquanto território e territorialidade sustentável para preservação e conservação de uma etnia, de um grupo social, da própria história de um povo. Preservação, esta, para resistir, para existir, para coexistir enquanto povo, enquanto sociedade, enquanto ancestralidade. Por essa razão, “(...) talvez seja a hora de refletir sobre os sentidos possíveis de uma educação pela memória que seja, também, um educar-se para a cidadania” (NEVES, 2000, p. 9).

Contudo, vale ressaltar que os livros didáticos, enquanto recurso formativo e pedagógico mais próximo da realidade dos educadores e educandos, em sua maioria, não disponibilizam, e, até certo ponto, nem estabelecem uma reflexão crítica sobre a importância dessa relação de interdependência entre o ser humano e a natureza, tampouco a dialogicidade com questões sociais, econômicas e culturais necessárias para entender os territórios e territorialidades sustentáveis. Porém, é preciso reconhecer que a prática didático-pedagógica não se limita apenas ao(s) livro(s) didático(s) disponibilizado(s) em sala de aula. Por este motivo, Elena Teresa José (2008) salienta que “os termos, “ensinar” e “investigar”, têm a ver com pegadas, signos, marcas” (p. 111).

Assim, o processo de investigação em práticas docentes é também ato de pesquisa e investigação (JOSÉ, 2008). Em outras palavras, é necessário ser constantemente um(a) professor(a)-pesquisador(a), pois a “docência e investigação, ainda que distintas, se retroalimentam; que o docente deve investigar; que o investigador deve ter critérios didáticos” (JOSÉ, 2008, p. 111). Porém, tal atuação só é possível se o/a educador(a) compreender o

processo formativo e pedagógico enquanto ato de experiência. Desse modo, Jorge Larrosa Bondía (2002) reconhece que “é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (p. 25).

Por isso, pensar os territórios e as territorialidades sustentáveis a partir da educação ambiental é se expor enquanto parte integrante e integradora do meio ambiente, tal como elemento da natureza, tomando como referências/exposições os povos indígenas, os povos quilombolas, os ribeirinhos, os saberes tradicionais, os terreiros de candomblés, etc.

### 3 AS AÇÕES AMBIENTAIS EM TERREIROS DE CANDOMBLÉS

*“Kosí Ewê Kosí Orisá  
Ewê é Ewê ô Orisá”*

A epígrafe é trecho da música *Salve as Folhas*, composta pelo cantor e compositor baiano Gerônimo, mas imortalizada na voz da cantora baiana e intérprete musical Maria Bethânia. Nessa letra-musical, o compositor traz palavras e termos em *yorubá*<sup>4</sup>, vocabulários também presentes nos terreiros de candomblés, para reconhecer a importância das folhas na cosmologia e cosmovisão africana e afrodiaspórica; uma vez que, sem folha não tem sonho, sem folha não tem vida, sem folha não tem nada. Assim, “*Kosí ewê, kosí Orisá,*”, ou seja, sem folha, sem Orixá, pois, na compreensão mítica africana e afro-religiosa, os Orixás correspondem à própria natureza.

Dentro desta perspectiva, os Orixás, segundo a cosmogonia, cosmologia e cosmovisão africana e afro-religiosa brasileira, são a materialização da natureza, ou seja, são a própria energia da Terra. Assim, Oxalá, o grande senhor da paz e criador da humanidade, é o próprio ar que se respira; a água que alimenta e mata a sede é a dádiva própria de Oxum; os raios são Oyá em festa ou em alerta; e Ossain encanta a beleza das matas e florestas, sendo ele próprio as folhas encantadas.

Na aurora de sua civilização, o povo africano ... acreditava que forças sobrenaturais impessoais, espíritos, ou entidades estavam presentes ou corporificados em objetos e forças da natureza. [...] Muitos desses espíritos da natureza passaram a ser cultuados como divindades, mais tarde designados orixás, detentoras do poder de governar aspectos do mundo

---

natural, como o trovão, o raio e a fertilidade da terra (PRANDI, [s.d.], p. 01).

4 Determinação generalizada de um povo que habita a atual região da Nigéria. A língua escrita foi desenvolvida tendo como base o falar de Òyó. (BENISTE, 2011)

Por essa razão, comprometer a biodiversidade natural como a água, a mata, a flora e a fauna é pôr em perigo a existência dos orixás e da ancestralidade africana e afro-indígena. Neste sentido, Reginaldo Prandi (2005), no artigo *Os orixás e a natureza*, reconhece a corporificação da ancestralidade africana a partir das forças naturais. Por isso, salvaguardar a natureza em condição humana de uso, fruto e desfruto, especialmente, aos adeptos das religiões de matrizes africanas. Pois, tal proteção configura-se em manterem vivas todas as divindades africanas, e, conseqüentemente, coexistir enquanto religião e enquanto ‘guardiões da natureza’.

Com isso, o candomblé é uma instituição, mas não a única, protetora dos espaços naturais, pois essa instituição religiosa e, por consequência, seus adeptos, entendem que sem a natureza ‘não tem sonho’, ‘não tem vida’, ‘não tem festa’, ‘não existe nada’, ou seja, a natureza é o espaço de interação e relação do homem com sua ancestralidade. A natureza é o equilíbrio da essência humana.

A ancestralidade, na perspectiva da experiência africana, é uma filosofia que, como todas as outras, produz mundos para muito além de produzir conceitos. [...]inventada no Brasil que é o lugar daqueles que sobreviveram por um motivo simples: não se deixaram converter em indivíduos, e mantiveram-se comunidades (OLIVEIRA, 2007). Não fosse isso, teríamos desaparecido, enquanto experiência Parte-se da África de resistência, permanência e consistência da face da terra! (OLIVEIRA, 2012, p. 43-44).

Neste sentido,

(...) os adeptos do candomblé são estimulados a partir de uma **educação assistemática**, pois, como descreve Stela Guedes Caputo (2012), no candomblé não existe uma sala de aula, mas tudo é ensinado, por meio das práticas de vivência, isto é, baseado no ver e ouvir; e a principal aprendizagem é a de zelar por tudo que os Orixás representam e podem ofertar (omin, ewê, Inà, aiyê, etc.), pois sem esses patrimônios naturais não se pode cultivar as forças da natureza – os Orixás (SILVA; MARTINS; QUEIROZ, 2016, p. 6).

Com isso, os adeptos (candomblecistas, umbandistas, etc.) das religiões de matrizes africanas são convidados, coletivamente, a proteger a materialidade dos ancestrais, ou seja, em proteger a natureza, em conformidade às proteções espirituais que recebem dos orixás. Isso não é pagamento – “toma lá, dá cá”, mas, um processo dinâmico de retroalimentação em preservar para ter e para ser acolhido, pois, ao proteger a água do rio, lago ou lagoa de qualquer ação poluente, o sujeito está/estará cuidando da substância necessária para sobrevivência do corpo, mas, também, salvaguardando a própria divindade Oxum, pois, ao dizer *Omi`Osun Odara*, os afro-religiosos estão afirmando que a ‘água é a própria/perfeição

de Oxum’.

#### **4 O (OU A FALTA DO) VERDE NOS BAIROS PERIFÉRICOS DE SALVADOR-BA**

Jussara Rêgo (2006), em seu trabalho, intitulado de *Território do Candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia*, reconhece que “como consequência dos processos de segregação que caracterizam a cidade, [os terreiros] sofrem continuados processos de desterritorialização de sua espacialização e funcionamento, enquanto grupo religioso de vivência comunitária” (RÊGO, 2006, p. 33).

Neste sentido, um dos processos de desterritorialização espacial das casas de candomblés no espaço ocorre com o advento e o desenvolvimento da urbanização, provocando a perda e/ou a falta do verde ecológico e ambiental dentro dos principais terreiros fundados/plantados nos bairros periféricos.

Assim, os terreiros de candomblés instalados nesses bairros, em sua maioria, do ponto de vista arquitetônico, correspondem ao hibridismo socioespacial, sendo ao mesmo tempo funcional (casa) e simbólica e/ou sagrada (terreiro). Ou melhor, tais espaços têm tanto as finalidades ritualísticas quanto de moradia (RÊGO, 2006). Em função do forte processo de urbanização/metropolização da Região Metropolitana de Salvador ao longo das últimas décadas, até certo ponto, começou a ocorrer, também, a verticalização do espaço físico – da casa/terreiro. Por este motivo, é difícil encontrar um terreiro na qualidade de ‘roça’, ou seja, com espaço verde ou “espaço de mato”. Em sua maioria, são terreiros com quintais, ou seja, uma área externa reservada para realizações de rituais e sacrifícios religiosos.

Ao trabalhar a diferença dos termos “terreiro” e “roça” se faz necessário recorrer novamente ao texto de Jussara Rêgo (2006), no qual se afirma que:

A designação “terreiro” é dada ao local de realização do culto da maioria das religiões afro-brasileiras [...]. É também conhecido como “roça”, certamente uma terminologia que faz remissão às condições dos sítios onde os terreiros eram implantados no início da sua estruturação, em ambientes caracterizados por suas grandes dimensões, composto de árvores frutíferas e afastados do grande centro urbano [...] Outros termos utilizados são “ilê” e “ebê” (originado do ioruba *egbé*) que tem na sua origem etimológica o significado de “casa”, e, por fim, e mais frequentemente utilizado, o “axé” [...] Especificamente para as casas do rito angola, eles também são chamados de *Casa de Inkise* e de “*abaçá*”. O próprio nome da religião também é utilizado, às vezes, com a finalidade de designar o espaço onde ela se desenvolve (REGÔ, 2006, p. 34/grifo do autor).

Por essa razão, zelar pelo meio ambiente social e coletivo, como as praias, a Lagoa do Abaeté, o Dique do Tororó, o Parque Ecológico São Bartolomeu, entre outros, se faz tão

importante para a religião dos candomblés e para seus adeptos. Pois tais espaços compreendem também espaço-lugar de culto, de ritos e de sacralização da ancestralidade africana presente, resistida e resignificada no Brasil.

Por isso, o candomblé é visto enquanto espaço de ancestralidade, pois é o espaço/lugar de permanência, resistência e reexistência das heranças e legados dos africanos escravizados no Brasil, mas corresponde, também, espaço/lugar de recriação, invenção e reinvenção de uma África mítica, contada, construída e alimentada diariamente pelos filho-netos-bisnetos da escravidão.

## **6 CONSIDERAÇÕES (IM)POSSÍVEIS DE FINALIZAÇÕES**

É preciso entender que, se o grande símbolo da sabedoria ocidental é a coruja, pois possui uma visão de 360°, o principal símbolo para entender e dialogar sobre a educação ambiental e ecológica presente dentro dos terreiros de candomblés é a galinha d'angola. Pois a galinha d'angola tem “a arte de ciscar, espalhar e deslocar conceitos” (NOGUERA, 2011, p. 11). Além disso, “a coruja só alça vôo no crepúsculo; a galinha d'angola cisca no terreiro, se mantém na terra, atada à imanência, ciscando no alvorecer ou no crepúsculo” (NOGUERA, 2011, p. 11).

Dentro desta perspectiva, de ver e enxergar o mundo a partir do transver do olhar, no sentido de interagir com a natureza e seus elementos naturais de acordo com a relação de interdependência, é oportuno reconhecer que mesmo não sendo a única e exclusiva instituição religiosa a realizar ações de proteções ambientais em Salvador e no Brasil, o candomblé ou os candomblés desenvolvem uma participação muito significativa perante a natureza e a educação ambiental.

É essencial para os candomblecistas, adeptos e simpatizantes das religiões de matrizes africanas zelar(em) pela manutenção, cuidado e preservação desses espaços sociais, de uso coletivo e público, mas que fornecem poderes ancestrais. Vale ressaltar também que ainda há práticas culturais dentro do candomblé e da tradição baiana que são indiretamente ações poluentes, a exemplo dos presentes ofertados a Iyemanjá (Mãe d'agua), em especial, no dia 2 de fevereiro. Porém, já existe uma consciência e a conscientização de alguns terreiros e sujeitos-histórico-sociais que colaboram com o olhar-ação bioecológico, procurando novas formas de manter a tradição, sem poluir os espaços sagrados ou, simplesmente, os espaços naturais, o meio ambiente.



## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos Terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, Nº 19: p.20- 28, jan/abr, 2002.
- JOSÉ, Elena Teresa. Licenciatura ou bacharelado e outras fragmentações no ensino de filosofia. In: **Filosofia: Caminhos para seu ensino**. KOHAN, Walter O. (org.) – Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, nº 18: p.28- 47, mai/out, 2012.
- NASCIMENTO, Maria Rosemi Araújo do. **Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de conceitos em ciências naturais na escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pmáli, no Alto Rio Negro**. 2010. Dissertação (Mestrado profissional em Educação de Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Brasil.
- NEVES, Margarida de Souza. **A educação pela memória**. Revista Teias, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 10 pgs., 2000.
- PADILHA, Valquíria & BONIFÁCIO, Renata Cristina. **Obsolescência planejada: armadilha silenciosa na sociedade de consumo**. Le Monde Diplomatique Brasil, Ano 7, Nº 74, p.36-37, setembro, 2013.
- PRANDI, Reginaldo. **Os orixás e a natureza**. Artigo disponível: <http://reginaldoprandi.ffe.usp.br/sites/reginaldoprandi.ffe.usp.br/files/inline-files/Os%20orixas%20e%20a%20natureza.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.
- RÊGO, Jussara. **Território do Candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia**. GeoTextos, vol. 2, Nº 2: p.31-85, 2006.
- SILVA, Denis Harmony Santos da; MARTINS, Luciana Conceição de Almeida; QUEIROZ, Iala Serra. Comunidades tradicionais de terreiros de candomblés do cabula enquanto

colaboradores históricos de uma educação e ações ambientais. In: **Anais da 19ª SEMOC - Semana de Mobilização Científica: Natureza, Ciência e Sociedade: 18 a 22 de outubro de 2016** [Recurso Eletrônico]. Salvador. - Salvador: UCSAL - Universidade Católica do Salvador, 2016.